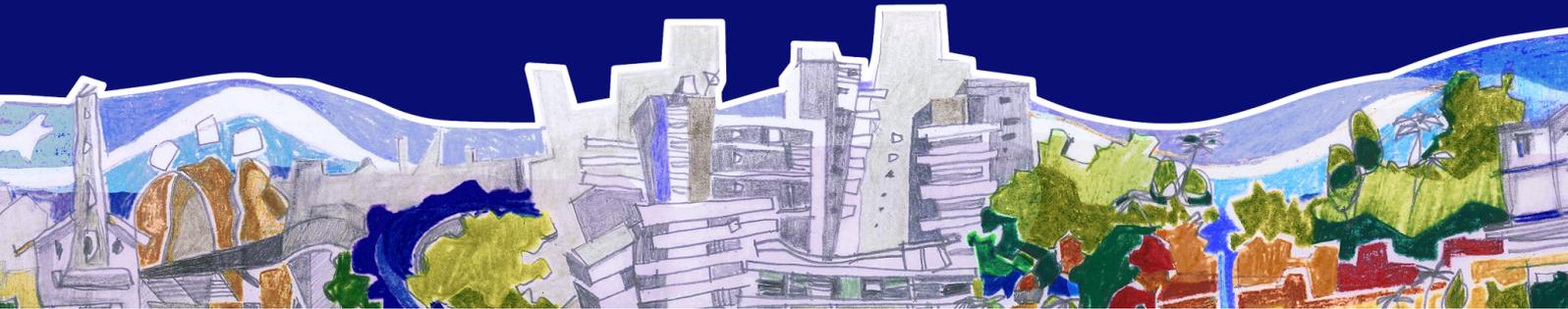


16° ENEPEA
ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE
PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA
E URBANISMO NO BRASIL
2022
14 a 19/11 CUIABÁ-MT

trans.ver.paisagens



UM AUGÚRIO DA CONTINUIDADE

Limites como intermédio entre arquitetura, paisagem e arqueologia

Eixo Temático **Paisagens a Descobrir**

AN AUGURY OF CONTINUITY

Limits as a mediator between architecture, landscape and archaeology

ANGHINONI, Lucas Gustavo
Università di Roma La Sapienza, mestrando
lucasanghinoni@gmail.com

CARRASCO, Miguel Angel Palacios
Università di Roma La Sapienza, mestrando
miguel.carrasco.arquitetura@gmail.com

RESUMO

Em um âmbito arqueológico-paisagístico, a relação entre as diferentes temporalidades espaciais da cidade contemporânea é expressa por fronteiras claramente definidas. A questão dos limites pode ser identificada em variadas escalas e contextos, quer entre zonas arqueológicas e o tecido urbano, quer entre monumentos e o seu espaço imediato. Não importa o objeto, os limites existem e representam traços de conflitos que não podem ser ignorados. No entanto, admitir a presença de limites não representa simplesmente a aceitação de um conflito, mas o reconhecimento do espaço como uma continuidade ambivalente, um todo com distintas partes. A compreensão de sua importância e significado elimina a ideia de que a dissolução das fronteiras é condição *sine qua non* para a integração do espaço. As metodologias de projeto utilizadas para valorizar o patrimônio e estabelecer novos eventos urbanos não devem necessariamente aspirar à abolição dos limites, mas também podem enfatizá-los para redefinir as relações ocorrentes na cidade contemporânea. O presente artigo disserta sobre a inevitável presença dos limites na produção espacial, seu entendimento enquanto elemento essencial da arquitetura, e apresenta um estudo de caso na cidade de Roma com o objetivo de ilustrar o tema sob uma perspectiva que tenta reimaginar as relações entre as temporalidades da cidade contemporânea e seus objetos e eventos. Tais fatores são vistos como compositores da paisagem, elemento pautado não como reconstrutor do passado, mas como agregador deste com o presente.

Palavras-chave: limites, continuidade, arqueologia, Roma.

ABSTRACT

The relation between the temporality of the ancient and the contemporary city is clearly expressed by strong and well-defined boundaries. The issue about limits can be identified in different scales and contexts, either between archaeological areas and the urban fabric or between a monument and its surrounding space. No matter the structure or the context, limits are out there and they represent traces of conflicts that cannot be ignored. However, the assumption of the presence of limits does not simply indicate the acknowledgement of a conflict, but recognises the space as an ambivalent continuity, a whole. The understanding of their importance and meaning washes away the idea that considers the dissolution of the boundaries a sine qua non to the integration of space. The design methodologies used to enhance the heritage and establish new urban events should not aspire to abolish the existence of the limits. Instead, it should stress them in order to redefine relations that can take place in the contemporary city. These considerations are taken into account to present a case study in the city of Rome with the attempt to illustrate the discussion reimagining the relation between the contemporary city and its objects and events.

Key-words: limits, continuity, archaeology, Rome.

1. INTRODUÇÃO

sic deinde, quicumque alius transiliet moenia mea

“Que pereça aquele que atravessar a minha muralha”

Fala de Romulo, após ter matado seu irmão Remo por pular, em zombaria, os muros do seu acampamento.

Lívio - Livro I, s.7

No campo da arquitetura e do desenho urbano, a questão dos limites tem sido amplamente explorada ao longo da história. Mais recentemente, entre os anos de 1980 e 1981, Bernard Tschumi publicou uma série de artigos intitulados *Architectur and Limits*. Sobre este trabalho, Nesbitt (2008, p. 172) sublinhou que, como apontado em seu primeiro ensaio, “os limites são a área estratégica da arquitetura’, são a base a partir da qual se pode empreender uma crítica das condições existentes”. Na verdade, para Tschumi, “o conceito de limites está diretamente relacionado com a própria definição da arquitetura”, e questiona: “que significa ‘definir’ senão ‘determinar a fronteira ou os limites de’, assim como ‘estabelecer a natureza essencial de?’” (NESBITT, 2008, p. 174).

Para a definição de arquitetura, é também válido voltar-se para a antiguidade clássica, em que palavra ἀρχιτέκτων (architéktōn) carregava o significado de *construtor mor*, (ἀρχι - archi: primeiro, principal; e τέκτων - tecton: construtor). Tempos depois, o termo ἀρχή (arché), que pre-socráticos usavam para referir-se a um elemento possivelmente presente em tudo e todos os momentos da existência, foi comumente traduzido para o latim medieval através do uso de palavras com a raiz *princep-*, sendo que *princeps* carregava o significado de *primeiro homem, líder principal, e principium*, por sua vez, significava *origem*. Sob essa perspectiva, a arquitetura pode ser completamente entendida como o estabelecimento de princípios, a essência mencionada por Tschumi.

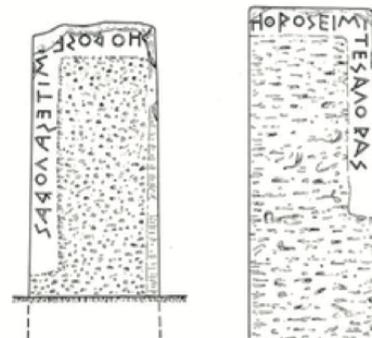
Verdade seja dita, os limites são uma das questões centrais que sempre determinaram a própria concepção arquitetônica desde tempos imemoriais. Não é por acaso que, ao fundar uma cidade há quase 28 séculos, Rômulo circunscreveu a área projetada de sua futura cidade em um *pomerium*¹ - um sulco arado que circundava o *Monte Palatino*. Mais tarde, essa mesma “linha” do rito de fundação de Roma foi usada pelos romanos para definir os limites de suas propriedades. Sobre esta linha colocavam-se grandes pedras conhecidas como *Termini*. Coulanges (2006), por exemplo, menciona o fato de que o Terminus guardava o limite do campo, e o vigiava, e segundo a antiga lei romana, o homem e os bois que tocavam um Terminus seriam lançados aos deuses infernais - ou seja, tanto o homem como os bois eram imolados em expiação, condenados à morte. A tensão dessa atitude aparentemente drástica pode chamar a atenção para um conflito, mas, na verdade, o que é imperativo aqui é perceber a enorme importância que os romanos davam aos limites, ao ponto de serem considerados uma divindade.

¹ Do latim, literalmente *post* (depois) + *moerus* (muro).



Figura 1 – Projeto de vitral com representação de um Terminus, de Hans Holbein o Novo, projetado para Erasmus de Roterdã. (fonte: Müller et al, 2006)

O uso de limites sagrados - não apenas considerados como uma linha física - também parece ter sido universal entre diversos outros povos indo-europeus. Não existia apenas entre os hindus, mas em toda a Grécia, onde eram chamados de ὅροι (horoi). Rykwert (2006, p. 147), ao estabelecer uma *Antropologia da Forma Urbana em Roma, Itália e no Mundo Antigo*, menciona que "um dos mais antigos marcos delimitatórios subsistentes, encontrado há pouco na ágora de Atenas, não proclama: 'Este é o limite da ágora' mas 'Eu sou o limite da ágora, ὅρος εἰμι τῆς ἀγορᾶς' - horos eimi tēs agoras)". Esta pedra ainda pode ser vista na sua posição original, com as suas inscrições bem visíveis (figuras 2 e 3).



Figuras 2 e 3 – Uma das pedras que marcava os limites da ágora ateniense. (fonte: stoa.org)

Além disso, os limites não eram apenas a definição de um fim, mas eram ao mesmo tempo um reconhecimento de que algo existia além daquela linha. Isso fica claro ao reconhecer a relação entre os ritos *Terminus* e *Mundus*. Os romanos herdaram o *Mundus* dos etruscos. Este era o

nome do fosso circular destinado a receber oferendas às divindades subterrâneas e posicionado segundo o rito de fundação das cidades². Sendo um eixo perpendicular ao horizonte, este fosso equilibrava o *cardo* e o *decumano* - os eixos horizontal e ortogonal - da cidade romana e do mundo, constituindo uma imagem do céu e centralizando a cidade em todo o universo.

De fato, os romanos não consideravam a urbe romana uma *polis* - uma cidade-estado - mas o próprio universo em si. Nesse sentido, a partir de determinado momento de expansão do império romano, independentemente de ter nascido em *Londinium* (Londres), *Barcino* (Barcelona) ou *Olisipo*, a cidade de Ulisses (Lisboa), esse indivíduo podia, antes de tudo, ter a *civitas*, ou seja, ser parte do corpo de cidadãos de Roma³. Portanto, a *civitas* romana e a *civitas mundi* não seriam mais do que uma tautologia. Não por acaso, o termo *Urbi et Orbi*, agora denotando uma bênção católica dada pelo Papa a Roma e ao mundo, surgiu dessa consciência do império romano. E embora o grego ainda fosse uma língua de cultivo no império, o genitivo *Urbis et Orbis lingua* também enfatiza como os romanos consideravam o latim uma língua de Roma e do mundo, portanto, uma língua universal.

Posteriormente, vale notar que até mesmo grandes devotos do estudo da antiguidade romana deixaram claro o quanto o próprio desenho arquitetônico também pode expressar a vontade de ultrapassar os limites entre a imaginação e a realidade. As prisões de Giovanni Battista Piranesi são exemplos claros de como essa imaginação pode surpreendentemente vir à luz. Suas gravuras, representando as ruínas clássicas e a arquitetura contemporânea à sua época, circularam na Europa como souvenirs dos jovens que retornavam das famosas rotas do *Grand Tour* do século XVIII, trazendo representações glorificadas da paisagem da Roma antiga à tona.

Fisicamente falando, "paisagens não possuem bordas, são teias sem costura que se estendem em todas as direções, limitadas apenas pelos horizontes conceituais das pessoas para quem esses espaços significam algo" (DARVILL, 1997, tradução nossa). Mas como se vê, é justamente os significados aplicados pelos seus habitantes a esses horizontes que fazem da paisagem um elemento cultural - como tanto se discute - e por isso mesmo *caracterizado* (detentor de uma característica específica) e, assim, também *delimitante*. Não como algo de caráter restritivo, mas enquanto mediador de limites que compõem a dinâmica do espaço.

O que afirma Darvill (1997) em seu artigo *Landscapes: Myth or Reality?*, é que a paisagem moderna que vemos representa a realidade, ao passo que a paisagem antiga equivale aos mitos. Contudo, sabe-se que os mitos, apesar de distantes e não definitivamente acessíveis (um mito pode ter diversas narrativas paralelas), representavam um esforço em explicar a realidade. Rykwert (1976, p. LX) afirma mais especificamente que o mito e o ritual *configuram* e até mesmo *originam* o ambiente criado pelo ser humano. É como reconhecer a paisagem moderna como agregadora de temporalidades espaciais, assim como se pode entender o mito enquanto base da nossa identidade (como já foi dito, há razões para que a narração da fundação de Roma delimite a cidade com o *pomerium*). Inseridos na contemporaneidade, os monumentos arqueológicos são uma dimensão fundamental da paisagem moderna e influenciam o modo como a paisagem de hoje é percebida e experienciada, pois carregam no decorrer temporal,

² Em Roma, diz-se que o *mundus* foi aberto próximo ao *comitium* durante a fundação da cidade por Rômulo, e corresponderia ao posto ocupado pelo *Umbilicus Urbis Romae*, o centro da cidade e do mundo, a partir do qual todas as distâncias de Roma eram medidas.

³ A cidadania romana era adquirida por nascimento caso o pai e a mãe fossem cidadãos romanos (*cives*). Depois de uma sequência de expansões na garantia da cidadania, em 212 d.C. o Édito de Caracalla garantiu cidadania a todos os habitantes livres do império.

assim como os mitos, pedaços de informações inteligíveis de um passado acessível apenas por meio destes testemunhos.

Colocar a paisagem enquanto mediadora desses limites implica reconhecer que tais limites não representam necessariamente um elemento a ser removido, mas um problema a ser solucionado. São, na verdade, um substrato sobre o qual intervém o desenho urbano, que ora os reitera, ora os dissolve, de acordo com a intenção projetual. A ideia reside na identificação, leitura e, quando necessário, readequação dos limites no espaço. A seguinte apresentação do estudo de caso desenvolvido na cidade de Roma é ilustrativa desse entendimento.

2. PROJETO

2.1. Situação

Levantadas tais considerações, um projeto desenvolvido durante o ALA Master Workshop 2021 na Universidade de Roma La Sapienza foi escolhido como caso ilustrativo dos questionamentos acerca dos limites e de suas potencialidades no exercício da arquitetura e do desenho urbano: *The GRAB Tour - An Essay About Limits* foi um exercício projetual teve como enfoque a zona do Casilino, localizada no sétimo quartiere de Roma, Prenestino-Labicano (Q. VII).

Pertencente aos bairros da zona suburbana da cidade, o Casilino é um local com enorme potencial para a valorização das atividades públicas atreladas ao patrimônio cultural. Essa região urbanizada ocupa hoje parte de uma área outrora conhecida como *campagna romana*, grande objeto de representações paisagísticas do século XVIII e XIX inseridas no contexto do *Grand Tour*, já que nela estavam presentes importantes monumentos arqueológicos da Roma antiga. O trabalho foi desenvolvido no contexto de um workshop de duas semanas com o objetivo de sintetizar questões relacionadas com o conflito entre o desenvolvimento da cidade contemporânea e a valorização de paisagens urbanas que carregam em si um complexo sistema de ocupação e detêm um patrimônio edificado periférico não vinculado a eixos turísticos consolidados. O tema central do *ALA Master Workshop 2021* foi a conexão da valorização patrimonial arqueológica com a cidade contemporânea, tendo como território experimental um sistema de espaços verdes interconectados conhecido como GRAB (o *Grande Raccordo Anulare delle Bici* - ou Grande Anel Cicloviário), proposta que integra o espaço urbano por meio de um sistema de mobilidade cicloviária que circunda a cidade. Por meio da junção desses dois ideários, chega-se ao *ArcheoGRAB*, tema do workshop.

2.2. Imagem da área e potencialidade

Na área selecionada para o projeto é possível reconhecer a presença de fortes limites entre o tecido urbano construído - neste caso representado majoritariamente por um ambiente privado - e uma série de vazios verdes, em sua maioria inabitados, com amplo potencial para usos públicos. Os espaços verdes partilham características comuns e criam um arquipélago de territórios que resistiu às pressões da expansão urbana de Roma, processo iniciado no pós *Risorgimento* e a consequente escolha da cidade como capital da Itália recém unificada, ao final do século XIX. Esse fenômeno de crescimento único na urbanização italiana atinge seu ápice apenas pouco mais de um século depois, e só em 1981 Roma passa a ter um decréscimo populacional. Trata-se de radical rompimento com a situação precedente: de uma pequena cidade de forte caráter rural para uma cidade que expande em direção ao território da *campagna romana*, ensejando uma ocupação urbana peculiar como a que se vê na área do Casilino (figura 4).



Figura 4 – Casale di Villa Sudrié, remanescente rural inserido na zona urbana de Roma. (fonte: Lucas Anghinoni)

Uma paisagem outrora essencialmente rural e cercada de testemunhas físicas da Roma Antiga passa a ter suas ruínas envoltas pela cidade moderna, com ainda um ou outro espaço inocupado. Configura-se uma nova organização paisagística, que ao mesmo tempo em que remete a aquedutos e mausoléus da Roma Antiga, torres medievais, e representações modernas do *Grand Tour*, apresenta também o paradigma paisagístico de Roma para o futuro. Essa é uma das imagens apresentada pelo Sistema urbano do *ArcheoGRAB*.

O potencial inerente da área para se tornar um parque arqueológico - devido à presença de vazios verdes inabitados e monumentos de inestimável riqueza - deve ser potencializado através do reconhecimento desses vazios como potenciais espaços políticos (de natureza pública) incrustados no mar da urbanidade de natureza privada. É no iminente conflito, inerente à existência do limite, que a cidade é capaz de se reconectar com a história que a conformou. Não por acaso, Burke (2003), ao dissertar sobre as fronteiras territoriais, não as apresenta como um local de desconexão, mas de encontro cultural. A relação entre tais espaços deve ser de uma oposição interconectada, em que os limites naturalmente permanecem desempenhando seu papel, e de modo que vazios não sejam mais vazios no sentido urbano do termo - *espaços desabitados* - mas apenas no sentido físico - *espaços abertos*. O limite por vezes pode ser um espaço-entre-espaços: as fronteiras que delimitam, em vez de dissolvidas, são então tensionadas e redefinidas.

Desse modo, a organização territorial proposta pelo projeto apresenta novos corredores verdes e novos eixos de circulação que levam em conta a malha do tecido urbano circundante (figura

6) e o moderado padrão de agricultura urbana já presente. As faixas de terra visam aumentar a permeabilidade da área e facilitar a integração da paisagem histórica e natural (figura 8).

A proposta reorganiza o território ao realçar um claro cruzamento de eixos preexistentes que lembra a forma romana de organização fundiária denominada *centurição* (figuras 5 e 7). O carácter agrícola da área, outrora parte da *campagna romana*, é levado em consideração com o objetivo de valorizar a paisagem agrícola histórica inserida na contemporaneidade e integrar funções urbanas, como centros desportivos, equipamentos comunitários de apoio à produção e comercialização de produtos locais, e espaços de arquitetura mutável ou efêmera, como projeções de cinema ao ar livre, feiras temporárias etc. Desse modo, realçam-se os limites entre a área urbanizada e os espaços livres sem que haja uma sobreposição de um sobre o outro, ao mesmo tempo em que se criam novos eixos de circulação, permitindo fluxos outrora problematicamente limitados e criando eixos paisagísticos. Trata-se não de uma eliminação dos limites, mas de sua requalificação.

2.4. Villa dei Gordiani

A exploração dos limites também desempenha um papel crucial em uma menor escala de intervenção. A fim de trazer à luz toda a dimensão da **Villa dei Gordiani** - remanescente que ainda encontra-se não escavado - e correlacioná-la com o complexo de ruínas circundantes que estão acima do solo, foi proposta uma intervenção paisagística de remodelação do terreno que a encobre. A criação de escarpas inclinadas, que se alinham sobre os limites privados da planta baixa da vila, criam um espaço delimitado e ludicamente apropriável e permitem a leitura do complexo arqueológico como um todo. Essa ferramenta opera por meio do contraste, pois insere as formas artificiais da ortogonalidade da vila no desenho curvilíneo do atual parque. O solo é colocado em forma de declive para o interior da planta, contido por uma estrutura metálica que o sustenta, dando forma a um platô elevado e pavimentado com cascalho (figura 9).

Esta operação topográfica reforça a memória dos antigos limites, quando da presença real da vila e da torre octogonal ainda em funcionamento. Nesse caso, os limites antigos são enfatizados, e mesmo não sendo completa e literalmente reconstruídos, sua presença pode ser experienciada e compreendida. As ruínas tornam-se palco de novos eventos urbanos (figura 10). Como ressalta Tschumi em Nesbitt (2008, p. 178), o problema não é o espaço em si, mas sua organização programática em termos de função e não de evento.

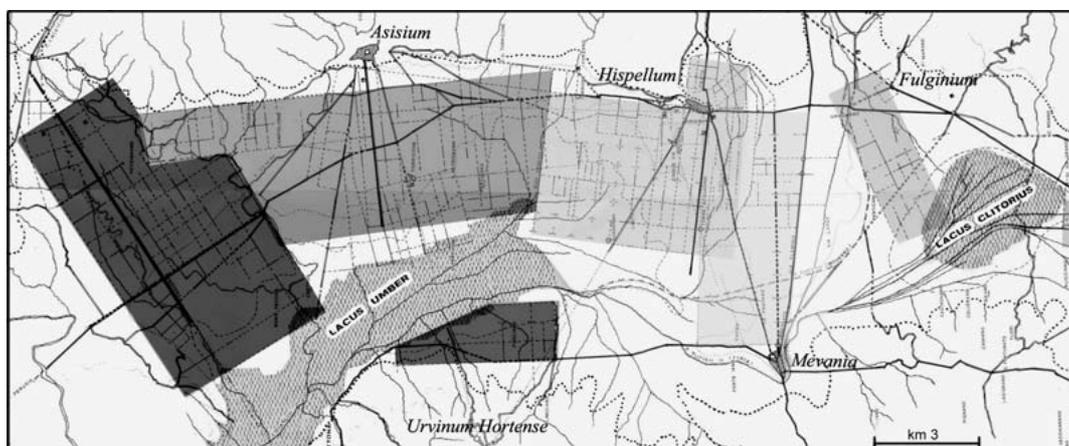


Figura 5 – Padrão de centurição romana e seus respectivos limites. (fonte: Colacicchi e Bizzarri, 2008)

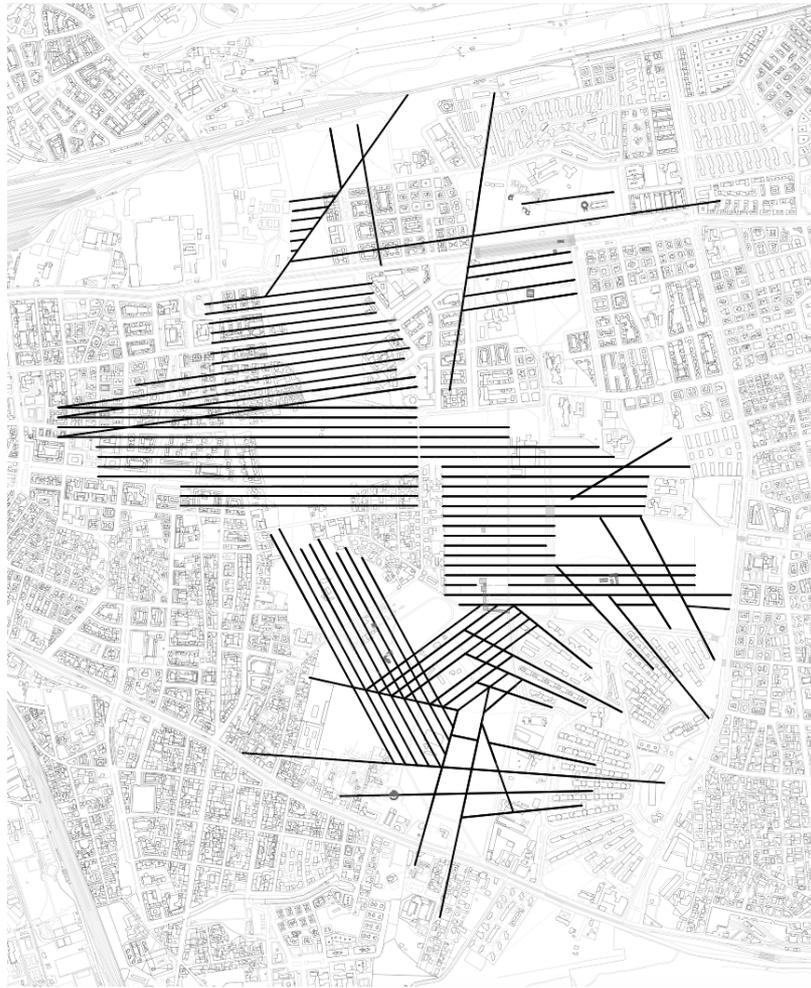


Figura 6 – Identificação dos eixos presentes na malha urbana atual do Casilino. (fonte: Anghinoni et al, 2021)

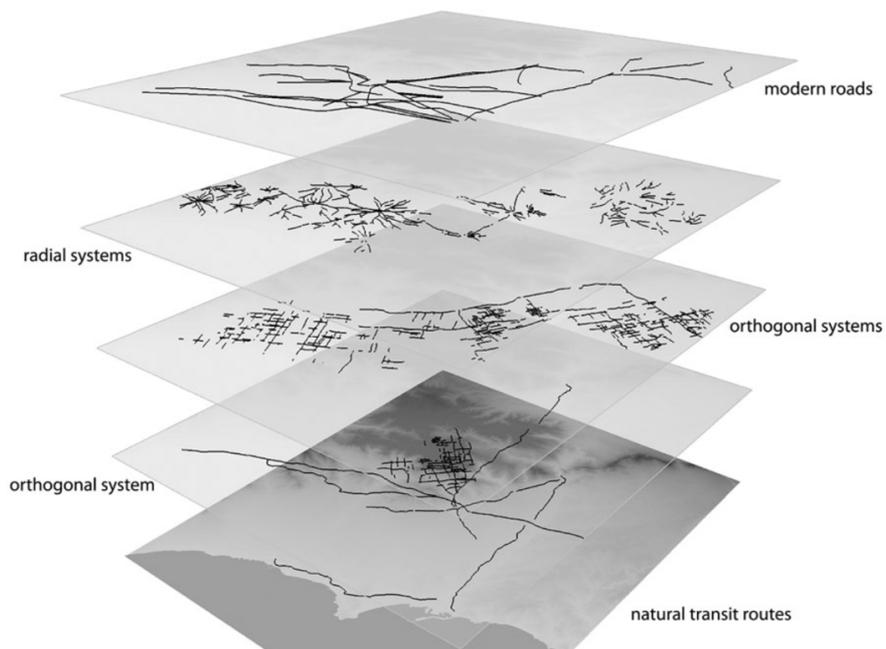


Figura 7 – Paisagem da centurição romana – análise arqueomorfológica diacrônica feita por H. Orengo.



Figura 8 – Masterplan geral da área do projeto. (fonte: Anghinoni et al, 2021)

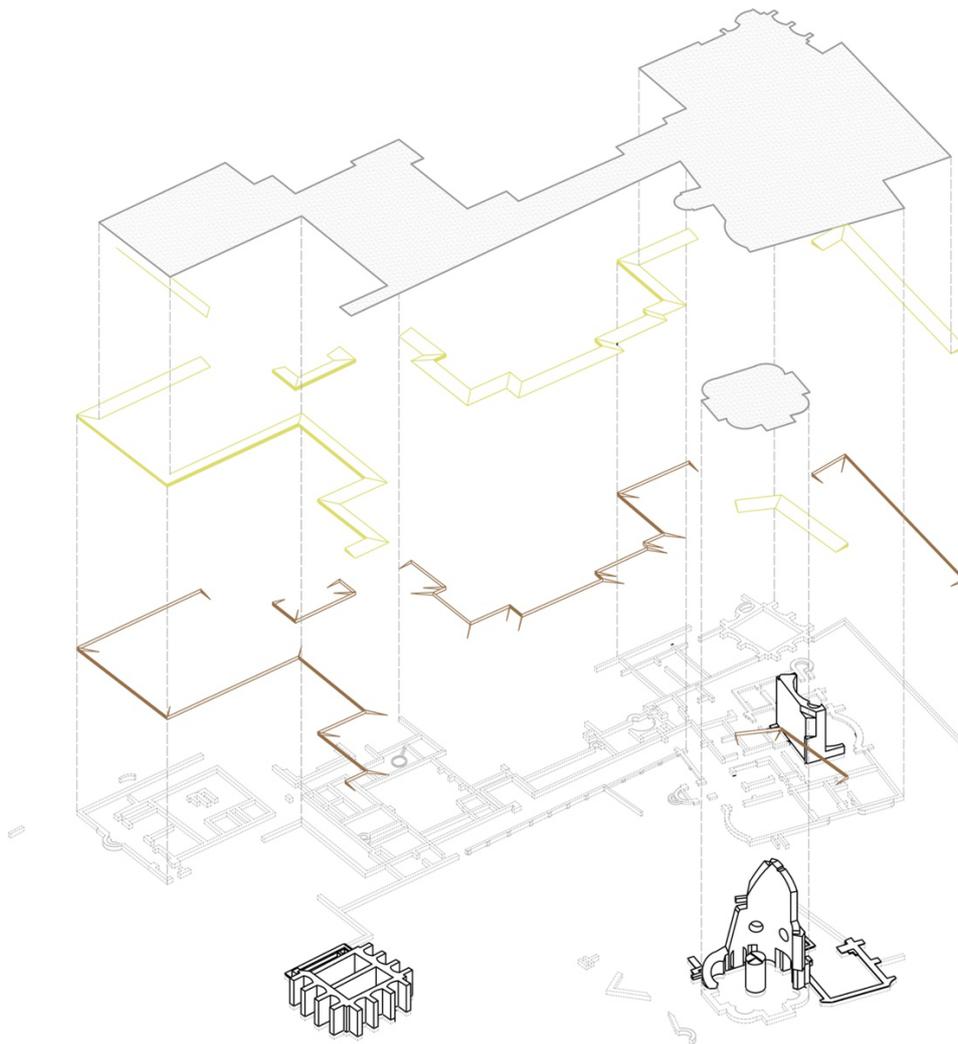


Figura 9 – Isométrica explodida da proposta para intervenção sobre os remanescentes arqueológicos invisíveis da vila. (fonte: Anghinoni et al, 2021)

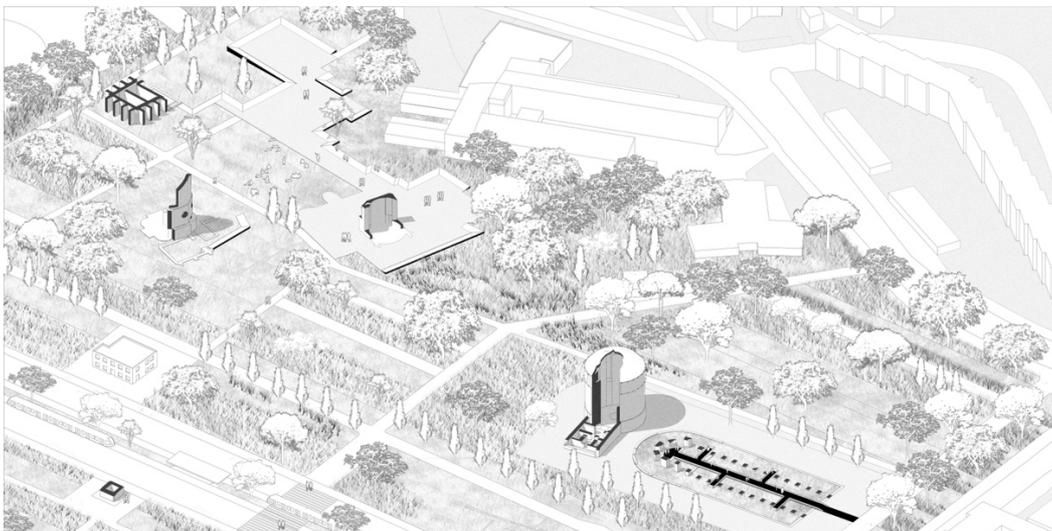


Figura 10 – Isométrica das intervenções propostas para a Villa dei Gordiani (fonte: Anghinoni et al, 2021)

O reconhecimento de tais diferenças é um passo fundamental para desenvolver um projeto capaz de unir as funções urbanas e as necessidades arqueológicas. Na **Basílica da Villa dei Gordiani**, propõe-se um novo acesso que cria a experiência de apreciação do complexo como um todo, isto é, não só de fora para um monumento protegido, mas de dentro para fora, num monumento interativo. Cercas protetoras - limitações inadequadas para a fruição pública e urbana desses elementos - são removidas para dar acesso a uma plataforma de madeira, colocada na nave central da Basílica, que guia a visão dos visitantes para o **Mausoléu dei Gordiani**, percebido como um ponto focal. No espaço urbano antigo existiam determinados limites que eram definidos pelos edifícios: a saber, as fachadas e entradas. No projeto, mais uma vez, os antigos limites do espaço são lembrados. A plataforma está localizada no eixo da nave, obrigando o visitante a entrar pela mesma entrada original do edifício (figuras 10 e 11). A entrada não é em qualquer lugar, não há confusão entre a integração urbana pretendida e a permeabilidade total. Um não está necessariamente ligado ao outro.

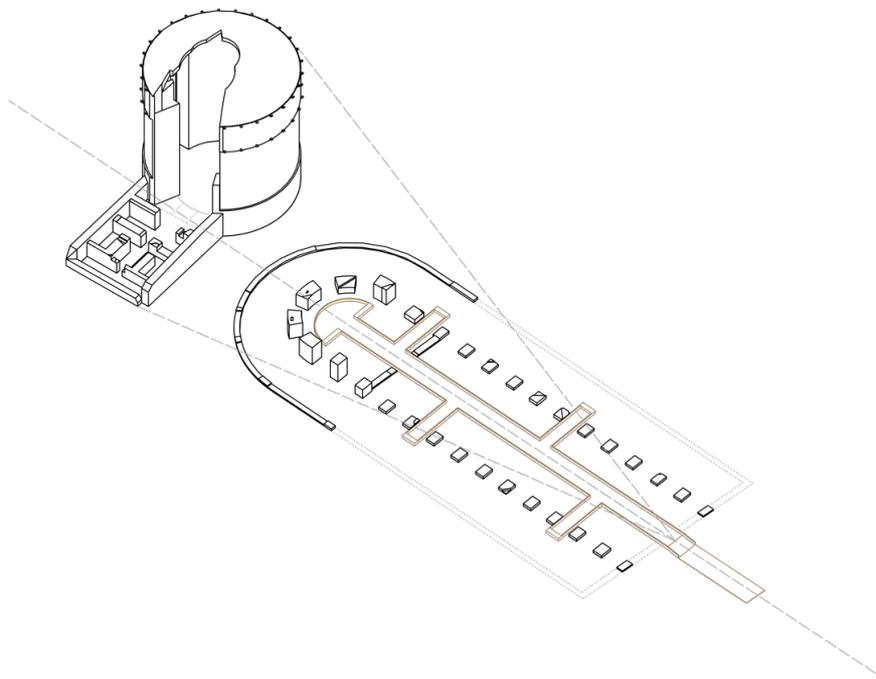


Figura 11 – Intervenção na basílica alinhada ao Mausoléu dei Gordiani. (fonte: Anghinoni et al, 2021)

2.5. Eixo ArchaeoGRAB - Contra-eixo Metro C

Na área central da proposta, ao sul da Villa dei Gordiani, propõe-se um novo eixo de circulação perpendicular ao eixo norte-sul do GRAB. A presença da nova linha C do metrô de Roma deixa ainda mais clara a ausência de conectividade entre os bairros que limitam a área, tanto em sua porção leste, em direção a Pingeto, quando em sua porção oeste, em direção a Prenestino-Centocelle. As respectivas estações Malatesta, Teano e Gardenie indicam centralidades de um novo eixo de circulação proposto, referido aqui como contra-eixo. Ao sul da estação teano, propõe-se uma praça central capaz de agregar diferentes usos e eventos, tornando-se uma polaridade para ambos os bairros que a limitam (figura 12). Os limites entre os bairros não são dissolvidos, mas atravessados pelo eixo para criar-se uma nova conectividade que os intermedia.

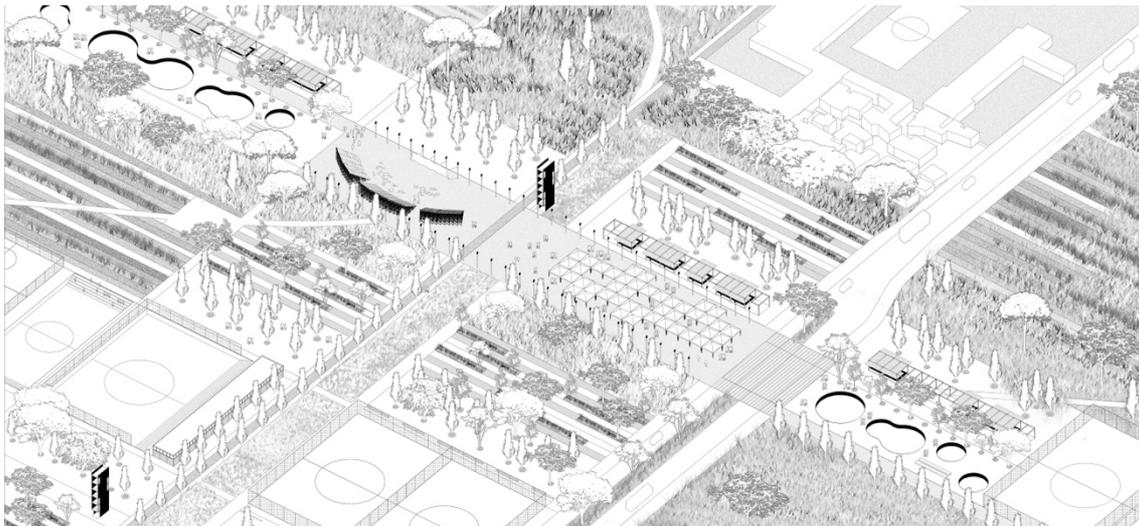


Figura 12 – Praça do contra eixo. (fonte: Anghinoni et al, 2021)

Além disso, essa área é repleta de diferentes temporalidades que caracterizam o caráter agrícola como parte do partido de projeto: a ausência de exemplares da roma antiga dá lugar à presença marcante dos *casali*, remanescentes de residências rurais do séc. XIX e início do séc. XX. A presença de tais construções, vinculadas a uma produção rural não muito distante dos dias atuais, revela a potência paisagística que está presente na resistência de um contexto rural no interior da cidade consolidada. São testemunhos de um uso e modo de habitar que sobrevive, dada a identificação de pequenas áreas que ainda cultivam alimentos nos dias atuais, vislumbres da *campagna romana* no interior do tecido urbano.

No entanto, a maioria desses edifícios encontra-se em estado precário de conservação, e, em certos casos, inabitados. Exemplares como os da **Villa del Drago** e do **Complexo da Villa Sudrié** são selecionados para habitar novas funções vinculadas à produção agrícola, como a de edifícios comunitários para comercialização e incentivo da produção local (figuras 13 e 14).

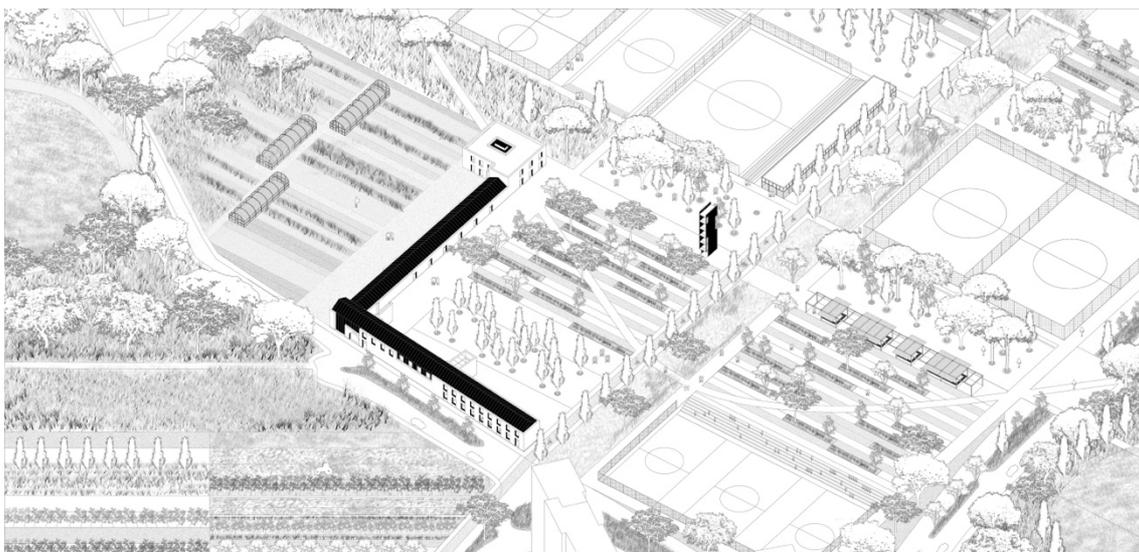


Figura 13 – Reabilitação do casale Villa del Drago para uso comunitário. (fonte: Anghinoni et al, 2021)

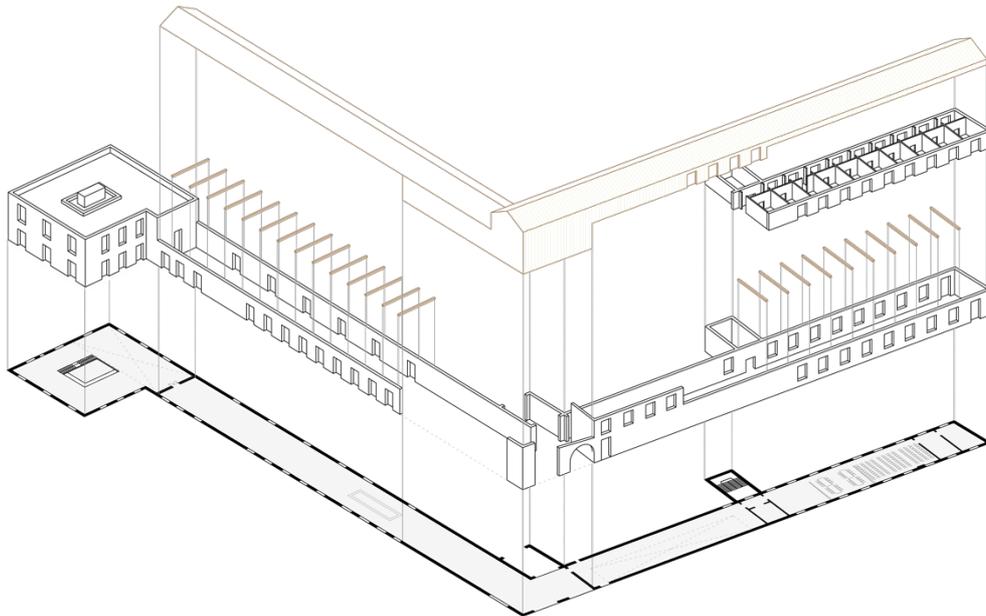


Figura 14 – Isométrica explodida da proposta de reabilitação do casali Villa del Drago. (fonte: Anghinoni et al, 2021)

2.6. Complexo do Mausoléu de Santa Elena e Catacumbas dos Santos Marcellino e Pietro Ad Dues Lauros

As grades que circundam os monumentos, de intuito meramente protecionista, são outra questão importante ao se tentar entender a relação do antigo e do atual enquanto um todo. Grades existem como resposta a um conflito iminente entre a preservação do monumento e o desenvolvimento da cidade contemporânea, com diferentes grupos e atividades que coexistem politicamente. No projeto proposto, o limite físico imposto pelas grades existentes no **Mausoléu de Santa Elena** é substituído por um espaço intermediário de lazer e contemplação. Aproveitando a topografia da área, o projeto propõe uma arquibancada natural que aumenta a conexão visual e espacial entre parque e monumento (figura 14).



Figura 14 – Intervenções no complexo do Mausoléu de Santa Elena. (fonte: Anghinoni et al, 2021)

Finalmente, a área das **Catacumbas dos Santos Marcellino e Pietro Ad Duas Lauros** é reimaginada com a proposição de novos acessos para o complexo subterrâneo, que remetem aos antigos fluxos daqueles que usavam o espaço durante o cristianismo primitivo. Hoje em dia, as catacumbas têm apenas uma entrada, próxima do **Mausoléu de Sant'Elena**. Quando ainda utilizado, os peregrinos costumavam entrar nos estreitos corredores (denominados *ambulacra*) por diferentes passagens. O espaço proposto no lado oposto da entrada contemporânea é um museu a céu aberto instalado em um vazio esculpido no solo (figura 16). O acesso é desempenhado por uma rampa estreita que se abre no nível inferior, lembrando os corredores das catacumbas que ou se comprimem em estreitas passagens com *lóculos*⁴ ou se ampliam em grandes criptas⁵ como o venerado **Sepulcro de Marcellino e Pietro**. Os limites modernos impostos pela entrada atual - em contraste com a antiga permeabilidade do espaço subterrâneo - são agora rearranjados por esta intervenção, tornando o visitante consciente das reais dimensões da catacumba oculta no subsolo.

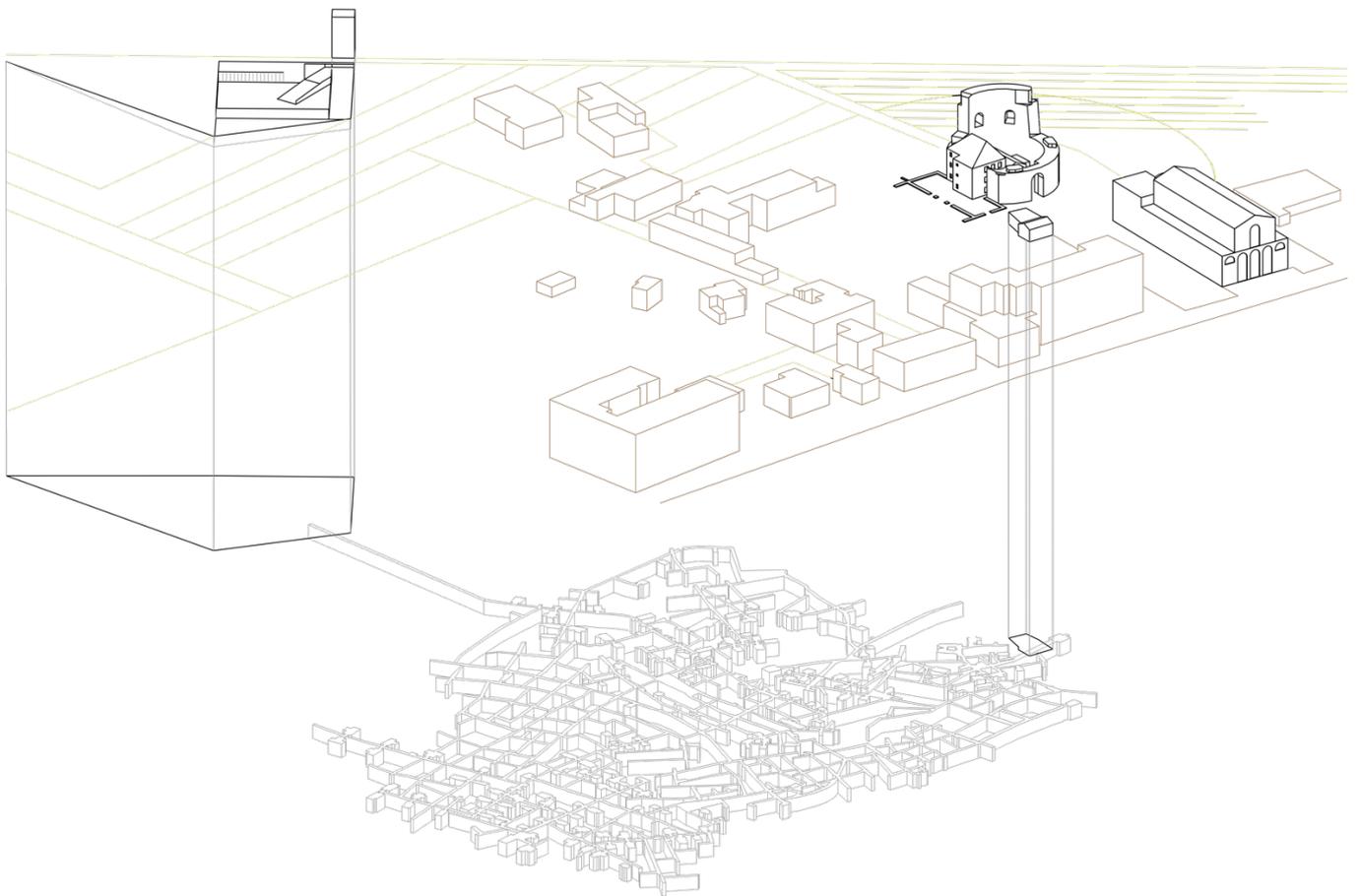


Figura 16 – Proposta de novos acessos às catacumbas, com museu. (fonte: Anghinoni et al, 2021)

⁴ Nichos de sepultamento horizontais escavados nas paredes das catacumbas. Um grupo de *lóculos* dedicados a uma só família eram normalmente agrupados dentro de uma *cubicula*.

⁵ Capelas de catacumbas, decoradas com afrescos, que normalmente caracterizam uma grande ampliação do espaço em relação aos estreitos corredores com *loculi*.

3. CONCLUSÃO

As operações apresentadas ilustram uma experiência de projeto que relaciona o desenvolvimento da cidade contemporânea à preservação da paisagem histórica, visando integrá-los à vida desses habitantes, e devem ser lidas mais como cenários possíveis para a cidade de Roma do que como uma solução absoluta para uma questão específica. O significado aplicado por quem habita a paisagem é que faz dela algo caracterizado, cultural, mais que um mero elemento físico. No presente, a paisagem delimita e também agrega diferentes estratos históricos, e o projeto detém capacidade de atuar sobre esses significados no espaço.

Nesse sentido, uma testemunha física do passado que esteja apenas circundada por cercas de proteção (limites mal resolvidos como tentativa falha de dinamizar a presença da ruína no espaço) não passará de um elemento sem identidade. Um resto dissociado de sua história e *descaracterizado*, que pertencerá a nada mais além do que o próprio presente.

Portanto, a intenção dessas ilustrações é a de afirmar que o antigo e o novo devem coexistir em um espaço integrado, mas esse objetivo não representa o apagamento das diferenças entre passado e presente. Em vez disso, o reconhecimento da importância dos limites é tomado como uma oportunidade para uma experimentação projetual, construindo um palco onde novas relações urbanas sejam possíveis. Além de existir, devem coexistir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGHINONI, L. G., CARRASCO, M. A. P., KOSTANTIOU, A., SERJANI, E. **The GRAB Tour: An Essay About Limits**. 2021. Architecture, Landscape, Archaeology master workshop, Università di Roma La Sapienza, Roma, 2021.

BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

COLACICCHI, R. BIZZARRI, R. Correlation between environmental evolution, historical settlement and cultural heritage upgrading in Valle Umbra (Central Italy). **Geografia Fisica e Dinamica Quaternaria**, v. 31, p. 107-118. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233380258_Correlation_between_environmental_evolution_historical_settlement_and_cultural_heritage_upgrading_in_Valle_Umbra_Central_I_taly. Acesso em: 10 ago. 2022.

COULANGES, F. **A cidade antiga - estudo sobre os cultos, as leis e as instituições da Grécia e de Roma**. São Paulo: Edipro, 2009.

LÍVIO. **History of Rome**, Volume I: Livros 1-2. Traduzido por B. O. Foster. Cambridge: Harvard University Press, 1919.

MÜLLER, C. KEMPERDICK, S. AINSWORTH, M. W. **Hans Holbein the Younger: The Basel years, 1515-1532**. Prestel, 2006.

NESBITT, K. (ED.). **Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

PALET, J. M., ORENGO, H. A. (2011). The Roman Centuriated Landscape: Conception, Genesis, and Development as Inferred from the Ager Tarraconensis Case. **American Journal of Archaeology**, v. 115(3), p. 383-402. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.3764/aja.115.3.0383>. Acesso em: 10 ago. 2022.

TSCHUMI, B. Arquitetura e Limites I. (1980) In: NESBITT, K. (ED.). **Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

TSCHUMI, B. Arquitetura e Limites II. (1981) In: NESBITT, K. (ED.). **Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

TSCHUMI, B. Arquitetura e Limites III. (1981). In: NESBITT, K. (ED.). **Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

RYKWERT, J. **A ideia de cidade: A antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no mundo antigo**. São Paulo: Perspectiva, 2006.